

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

A (DES) MORALIZAÇÃO DO CONCEITO DE PERVERSÃO

BRUNA PEREIRA NÓBREGA

CAMPINA GRANDE – PB

2015

BRUNA PEREIRA NÓBREGA

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Psicologia,
da Unidade Acadêmica de Ciências
Biológicas e da Saúde da Universidade
Federal de Campina Grande-PB, em
cumprimento às exigências para obtenção do
título de Psicólogo, sob orientação do
Professor Francisco Felipe Paiva Fernandes.**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva”-
UFCG

N337d

Nóbrega, Bruna Pereira.

A (des) moralização do conceito de perversão/ Bruna Pereira Nóbrega. –
Campina Grande, PB: O autor, 2015.

28 f.:il. 21 x 27,9 cm

Artigo (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina
Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Francisco Felipe Paiva Fernandes, Ms.

1. Perversão. 2.Moral. 3.Psicanálise. 4.Lacan.. I. Fernandes, Francisco
Felipe Paiva. II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

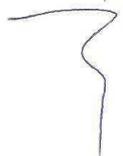
CDU 159.964.2 (813.3)

BRUNA PEREIRA NÓBREGA

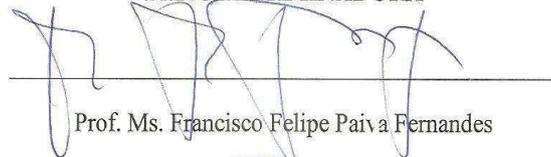
A (DES) MORALIZAÇÃO DO CONCEITO DE PERVERSÃO

APROVADO EM: 17/11/2018

NOTA: 100



BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Francisco Felipe Paiva Fernandes

Orientador



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Examinador



Prof. Ms. Ana Celeste Alves Casulo

Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este escrito com todo meu amor a Deus, a minha mãe e a meu pai, porque sem eles eu certamente não estaria e jamais chegaria onde estou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus porque sem ele nada seria possível, porque todas as vezes que eu pensei em desistir foi ele quem me segurou pelas mãos, e iluminando os caminhos me guiou;

A minha mãe Célia, a mulher mais guerreira e lutadora que pude conhecer. Deus me presenteou com essa joia tão preciosa e deixou que eu pudesse chamá-la de mãe e amá-la de uma forma tão profunda que palavras não existem para descrever. Mãe, sem você eu jamais seria o que eu sou, muito obrigada;

Ao meu pai Manoel que também me foi dado como um presente, mas que tive que devolver a Deus mais cedo do que eu podia esperar. A saudade dói, mas agradeço a oportunidade de ter convivido com alguém tão generoso, e que foi tão importante em minha vida. Pai, muito obrigada, e se estiver lendo isso aqui, saiba que nem por um minuto pude te esquecer ou deixar de te amar;

Ao meu irmão Brenno, com quem dividi os melhores momentos da minha infância e a pessoa do mundo com quem mais briguei nessa vida. Te amo!

As minhas avós Helena e Diva que sempre me ofereceram uma abraço sincero e uma palavra de carinho;

As minhas tias Ana e Alba que sempre ofereceram apoio em momentos difíceis e dolorosos;

A todos os meus colegas de graduação, sem exceções, porque mesmo com os desentendimentos que podiam existir foram fundamentais no momento em que eu mais precisei. Jamais vou esquecer todas as visitas no hospital, todas as palavras de afeto e toda a força e carinho de cada um. A vocês a minha eterna gratidão;

A minha amiga Débora que Deus trouxe lá do Piauí e colocou em minha vida e que mesmo em meio aos desencontros esteve sempre ao meu lado me apoiando e me dando força nas horas difíceis e nas fáceis também;

A Beatriz; Emanuella; Lisandra; Poliana, amigas leais e generosas que sempre estiveram presentes nos bons e maus momentos;

A meu orientador Francisco Felipe Paiva Fernandes a quem eu sou eternamente grata por ter confiado em mim e aceitado fazer parte dessa ideia. Muito obrigada professor pelo apoio e confiança;

A minha eterna supervisora Cleide Pereira Monteiro que foi fundamental em minha formação;

A meu amigo Edgley que o estágio me presenteou;

A Cristina Maia pela oportunidade de estagiar em sua Clínica e poder experienciar a Psicanálise em campo;

Aos professores Edmundo Gaudêncio e Ana Celeste por terem aceitado com toda a atenção fazer parte da banca examinadora de meu escrito;

E aos demais professores; amigos e familiares que são parte fundamental em minha vida e caminhada pessoal e profissional.

RESUMO

O presente escrito propõe uma reflexão a cerca da moralização do conceito de perversão tendo como base uma perspectiva estrutural. A partir de autores como Jacques Lacan e Alfredo Eidelsztein buscou-se apontar alguns dos fatores que influenciaram as compreensões equivocadas que circundam tal tema, sobretudo, na comunidade psicanalítica. Ao longo da pesquisa foram discutidos elementos que são contemporâneos a origem semântica da palavra como a ligação ao conceito de perversidade, bem como, a introdução do tema na psicanálise sob a perspectiva freudiana. Para tanto foram utilizados textos como os seminários da Angústia (livro 10) e Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (livro 11) que foram de fundamental importância para sustentar a hipótese de que perversão em Lacan não se confunde com moralidade. Tendo em vista que não nos aprofundamos na definição do conceito, o principal foco de tal pesquisa deu-se em torno da reflexão com referência ao lugar que a perversão ocupa no discurso da Psicanálise e da maioria dos psicanalistas que insistem em “avaliá-la” a partir de uma perspectiva moral e individualizante, quando sabemos que em Lacan não se faz “análise” com indivíduos e nem tão pouco se usa diagnóstico para rotular.

Palavras chave: Perversão; Moral; Psicanálise; Lacan.

ABSTRACT

This work purposes a reflection about the moralization of the concept of perversion based on a structural perspective. From authors such as Jacques Lacan e Alfredo Eidelsztein we sought to point out some factors that influenced the misunderstandings that surround such theme, especially in the psychoanalytic community. Throughout the survey, we discussed elements that are contemporary to the semantic origin of the word as a link to the concept of perversity as well as the introduction of the subject in psychoanalysis from the Freudian perspective. Therefore, we used texts such as seminars *Anguish* (book 10) and *The four fundamental concepts of psychoanalysis* (book 11) which were of fundamental importance to support the hypothesis that perversion in Lacan is not confused with morality. Considering that we did not deepen into the definition of the term, the main focus of such research took place around the reflection with reference to the place that perversion takes in the psychoanalysis speech and of most of the psychoanalysts who insist on "evaluate it" from a moral and individual perspective, since we know that in Lacan, "analysis" is not done with individuals and nor it is used diagnostic for docket.

Key words: Perversion; Moral; Psychoanalysis; Lacan.

Sumário

Introdução	11-12
Sigmund Freud e a Perversão: Breve comentário a partir dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”	12-14
O avanço Lacaniano em relação a Freud	14-17
Pontuações sobre o estruturalismo na teoria lacaniana: Breve esboço sobre a teoria do significante e a noção de <i>objeto a</i>	17-19
Fantasia e Fantasma: Mesmo conceito? Implicações do referente matema ao conceito de perversão	19-20
Neurose e Perversão em Psicanálise: Uma breve distinção a partir de Lacan	21-24
Considerações finais	24-25
Referências	26-28

INTRODUÇÃO

A palavra perversão tem origem no latim *perversio* e diz respeito entre outras coisas ao ato ou efeito de perverter além de estar relacionado à ação de depravar e/ou corromper. Para Philippe Julien, (2003) o sentido moral e religioso que circunda a perversão vem da relação semântica com a palavra perversidade que, segundo dicionário, significa maldade/crueldade. Julien aponta que tal dependência entre as palavras citadas pode nos interrogar sobre a estagnação de saber que atravessa os estudos sobre a perversão em vários campos de pesquisa, sobretudo, na Psicanálise.

Longe de ser exclusivo e inédito no âmbito da Psicanálise o termo foi muito usado por outros saberes, sobretudo, pela medicina (MIRANDA, 2013). Krafft-Ebing foi o responsável por introduzir em 1887 a perversão sexual no rol dos diagnósticos médicos com a obra *Psychopathia Sexualis*, onde pôde classificá-la em uma vasta lista utilizando inclusive, termos que hoje são “intrínsecos” ao conceito, a exemplo do sadismo e masoquismo (Julien, 2003). No âmbito médico, as perversões eram localizadas como sendo desvio, doença, em outras palavras, um problema orgânico de caráter patológico e anormal, uma degeneração do sistema nervoso como escreve Miranda (2013).

As caracterizações supracitadas referentes à perversão nos apontam um problema que parece persistir até os dias de hoje, sobretudo, no campo psicanalítico. É possível dizer que a estagnação de saber apontada por Julien em 2003 ainda aparece como um dos obstáculos à compreensão da estrutura perversa. Alfredo Eidelsztein (2011) aponta caminhos possíveis para compreendermos alguns desses obstáculos e, sobretudo os equívocos que circundam a perversão.

Para o referido autor, existem muitas confusões diante dos conceitos sujeito e indivíduo, e estas acabam dificultando o entendimento das estruturas clínicas. Outro problema, segundo ele, é pensar a afirmação de Freud “neurose como negativo da perversão” tomando a inversão proposta aqui, no sentido de anormalidade, isso para ele, contraria toda a noção de estrutura utilizada por Lacan, que toma o termo inversão não a partir da perspectiva moral, porém como inversão dos elementos da estrutura, questão que iremos abordar no decorrer deste escrito. Diz Eidelsztein “*para muchos analistas,*

los perversos quedan asociados a los psicopatas, los transgresores los desafiantes de la autoridad o la ley". (p. 200).¹

Observemos que o problema apontado por Eidelsztein é o mesmo colocado por Julien ao referir-se a etiologia da palavra perversão, e que dificulta até hoje o diagnóstico diferencial da estrutura perversa, sobretudo, para os lacanianos como Joel Dor que propõe uma análise da perversão pela ótica da moral. Não é necessário citarmos outros autores, pois a escrita do Dor, no que se refere à perversão é muito clara. Ele diz que há um traço estrutural na perversão que seria o desafio e, que, segundo a sua visão, aparece intrinsecamente ligado a outro traço denominado transgressão “[...] *Com o desafio, somos irremediavelmente levados a encontrar este outro traço estrutural: (a transgressão, como seu complemento inseparável.*” (p.39).

Embora Lacan não reduza as perversões a uma única concepção, (EIDELSZTEIN, 2011), este escrito tem como objetivo uma análise do que o mesmo cunhou como perversão a partir de uma leitura estrutural, ou seja, propomos analisar o conceito de estrutura perversa em Lacan utilizando como aporte central os textos: *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise-livro 11; O mito individual do neurótico*, o seminário da *Angústia-livro 10, De uma questão preliminar a todo tratamento possível da Psicose*. Todos os textos escolhidos são de fundamental importância para ao longo deste escrito sustentar a nossa hipótese de que o conceito de perversão em Lacan não se confunde com a noção de moralidade presente na maioria dos estudos psicanalíticos a respeito da estrutura perversa.

Sigmund Freud e a Perversão: Breve comentário a partir dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”

Sabemos que das categorias clínicas, a que ocupou espaço privilegiado no campo de pesquisas freudianas foi a neurose a partir de seus estudos com a histeria. Para Valas (1990) Freud não se interessou verdadeiramente pelas perversões, apresentando-as de maneira global como “*manifestações da bestialidade originária do ser humano. Chega mesmo a atribuir as mulheres, cujos instintos sexuais não teriam sido suficientemente civilizados, a essência das perversões sexuais.*” (p. 17). Podemos dizer que desde o princípio de suas especulações sobre a perversão, Freud atribui um caráter

¹ Traduções: “Para muitos analistas, os perversos estão associados aos psicopatas, aos transgressores infringentes da autoridade ou da lei”.

de degenerescência que pode ser encontrado tanto em algumas de suas correspondências a Fliess quanto em seus próprios textos (VALAS, 1990).

Ao debruçar-se sobre a etiologia da neurose Freud vai desenvolver o que conhecemos como “Teoria da sedução traumática”. Tal teoria propõe que todas as histéricas teriam vivenciado um trauma, oriundo de um processo de sedução sofrido em alguma época da infância. Contudo, para sustentar tal tese, era preciso sustentar também que todos os “pais” de histéricas seriam sedutores e, portanto, perversos, hipótese que embora tenha contribuído a seus estudos, ele abandona posteriormente como aponta Patrick Valas (1990)

[...] Com efeito, na etiologia da histeria, ele sustenta a tese do trauma da sedução, e lhe é necessário, em consequência, designar seu agente com o um adulto perverso. Entretanto, essa exigência vai muito cedo lhe parecer exorbitante, a menos que todos os pais sedutores das histéricas sejam perversos, com a conotação pejorativa em que isso implica – hipótese que não pode se manter por muito tempo. (p.18)

Os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” texto de 1905 surge como um marco na teoria freudiana, não apenas por seus avanços relacionados a sexualidade infantil, porém, pelo surgimento da realidade psíquica (fantasma), elemento fundamental no estudo das neuroses, assim como no estabelecimento da teoria de Freud sobre a perversão

É preciso lembrar que, quanto a isso, Freud, sem qualquer ambiguidade, não define a perversão como a manifestação mais ou menos impulsiva da pulsão sexual, mas antes como uma posição subjetiva dada a partir do fantasma. O perverso põe em jogo sua pulsão sexual em condutas agenciadas pela cena de seu fantasma. (p.30)

Ainda de acordo com Valas (1990) o polimorfismo das manifestações sexuais presentes no homem aparece como obstáculo para definição freudiana da perversão. Nesse caso, ainda segundo ele, o parâmetro usado por Freud para distinguir a perversão da normalidade foi afirmar que a primeira *“é caracterizada por uma fixação prevalente, até mesmo total, do desvio quanto ao objeto, e pela exclusividade da prática quanto ao desvio com relação ao objetivo”*. (p.28).

Observamos que a distinção entre perversão e as psiconeuroses em Freud apresenta uma linha muito tênue que dificulta uma posição mais concreta. Vejamos um

trecho do primeiro ensaio “As aberrações sexuais” no tópico dedicado exclusivamente ao “Sadismo e Masoquismo”

No tocante, a algolagnia ativa, o sadismo, suas raízes são fáceis de apontar nas pessoas normais. A sexualidade da maioria dos varões exibe uma mescla de *agressão*, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de outra maneira que não mediante o ato de *cortejar*. Assim, o sadismo corresponderia a um componente agressivo automatizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para lugar preponderante. (p.149)

Em Freud parece que cada categoria diagnóstica carrega traços de outra e, talvez esse, apareça hoje, também como um dos grandes impasses a conceitualização da estrutura perversa. No tópico dos ensaios em que dedicou alguns comentários a respeito de neurose e perversão escreve Freud

(b) nos casos mais patentes de psicose é raro encontrar desenvolvida apenas uma dessas pulsões perversas; na maioria das vezes encontramos um grande número delas e, em geral vestígios de todas. Mas a intensidade de cada pulsão isolada é independente do desenvolvimento das outras. (p. 158)

Além da dificuldade de distinção freudiana entre as psicoses e as perversões, no campo psicanalítico é Freud que entrelaça de forma mais precisa perversão e moral “[...] *De fato, ele lança sobre as perversões mais um julgamento moral do que o olhar de um homem de ciência.*” (VALAS, p. 15, 1990). De toda forma, demos um desconto a Freud, pela época em que vivia, onde os valores eram muito conservadores e onde havia uma dificuldade de tratar de determinados assuntos como Valas (1990) aponta

[...] Ao ler seus primeiros textos, tem-se a sensação de que, provisoriamente, ao ser levado a assumir uma posição sobre as perversões sexuais, cujo estudo está em voga, Freud fica de bom grado com as posturas clássicas, como se não quisesse entrar em conflito nem com a comunidade científica, nem com a sociedade de sua época (p.17)

Tendo introduzido alguns elementos essenciais de Freud com relação a perversão, passemos para Lacan e seus avanços teóricos fundamentais ao estabelecimento de um diagnóstico em Psicanálise.

O avanço Lacaniano em relação a Freud

Se por um lado Freud promove um avanço considerável no que diz respeito a sexualidade e as questões que a atravessam, é Lacan que subverte a lógica psicanalítica ao retornar ao pai da Psicanálise “[...] a partir de la concepción de ‘estructura’ em Lacan, cambia La elaboración de los conceptos y hasta La práctica de psicoanálisis” (EIDELSZTEIN, 2011).²

Assim, tendo a noção de estrutura um caráter subversivo, é possível perceber uma ruptura entre a forma como Freud aborda os conceitos psicanalíticos e, se podemos assim dizer, a "radicalidade" da proposta Lacaniana. Tal questão pode ser encontrada facilmente na leitura de “Las Estructuras Clinicas a partir de Lacan II: Neurosis, histeria, obsesión, fobia, fetichismo y perversiones” do Alfredo Eidelsztein onde o mesmo debruça-se sobre os impasses existentes na compreensão psicanalítica usual das estruturas em Lacan, que, segundo o autor, é consequência do esquecimento dessa lacuna, do esquecimento de que existem diferenças significativas entre o modelo apresentado por Freud e o que propôs Lacan.

Ainda que, não seja objetivo deste escrito deter-se aos distanciamentos entre a teoria freudiana e a lacaniana é importante discorreremos brevemente sobre algumas questões referentes aos avanços de Lacan que serão imprescindíveis para pensarmos o rumo que o conceito “perversão” adquire dentro da teoria psicanalítica. Apoiemo-nos mais uma vez em Eidelsztein que de maneira direta e indiscutivelmente sintética nos elucida tal questão esclarecendo que Freud nunca desenvolveu o conceito de sujeito tal qual Lacan propôs

Fundamentalmente, se puede decir que Freud concibe al sujeto como un individuo; para Lacan, el individuo moderno debe ser considerado en el psicoanálisis como “sujeto”, motivo de su necesidad de incorporar una concepción del sujeto al psicoanálisis, ausente em Freud y concebida de forma absolutamente novedosa y articulada a la práctica analítica; propondo designarla “sujeto lacaniano”. (p. 224)³

² “A partir da concepção de ‘estrutura’ em Lacan, muda a elaboração dos conceitos e até mesmo a prática de Psicanálise”.

³ “Fundamentalmente, é possível dizer que Freud conceitua o sujeito como indivíduo; para Lacan, o indivíduo moderno deve ser considerado na Psicanálise como ‘sujeto’, por motivo de sua necessidade em incorporar uma concepção de sujeito a Psicanálise, ausente em Freud e presente de forma absolutamente inovadora e articulada a prática analítica, proponho designá-la como ‘sujeto lacaniano’”.

De acordo com o autor supracitado o sujeito Freudiano é algo fechado e que apesar de ser chamado in-dividuo possui uma divisão interna, ou seja, existe uma separação uma fronteira, como ele mesmo coloca, entre interno e externo

A pesar de que el sujeto para Freud es un individuo que internamente es o está dividido o escindido, es indudable que para él funciona como un “átomo social”, debido a que está separado netamente de lo social, de la comunidad o del Otro de Lacan mediante una frontera que establece sin vacilaciones un interior y un exterior; frontera que coincide em cierta medida com el tegumento que separa al cuerpo biológico del mundo externo. (p. 228).⁴

A argumentação freudiana sobre o conceito de indivíduo permite que levantemos algumas questões. Se em Freud não há o conceito de sujeito e o que ele chama de indivíduo possui uma divisão entre interno e externo que o separa do campo do Outro podemos pensar as estruturas clínicas enquanto um campo relacional cortado pela linguagem? A partir de François Dosse em “História do Estruturalismo” volume I “O Campo do Signo” podemos responder essa questão afirmando que não

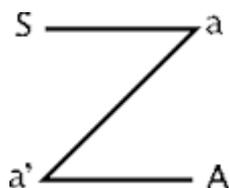
[...] O homem só existe por sua função simbólica, e é por ela que deve ser apreendido. Lacan apresenta, pois, uma inversão radical da ideia do sujeito, pensado agora como produto da linguagem, seu efeito, o que implica a famosa fórmula segundo a qual, “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”. Por conseguinte, não há porque procurar a essência humana em outros lugares além da linguagem. (p. 155)

É a partir da linguagem que Lacan propõe uma definição do inconsciente e, conseqüentemente da própria noção de sujeito. Ele nos diz que se o inconsciente é estruturado como linguagem ele é discurso e sendo discurso não poderia advir de um lugar que não fosse o Outro. Para Lacan sujeito é efeito da linguagem, e esse sujeito que Eildesztein chamou de “sujeito lacaniano” deve ser, segundo Lacan, considerado em sua abertura, como algo inacessível e que conseqüentemente, diz do real.

No texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da Psicose” Lacan nos oferece uma explicação preciosa sobre a posição do sujeito no discurso. A

⁴ “Apesar do sujeito para Freud ser um indivíduo que internamente é ou está dividido, é indubitável que para ele funciona como um ‘átomo social’, devido ao que está claramente separado do social, da comunidade e do Outro de Lacan mediante a fronteira que estabelece sem errar um interior e um exterior; fronteira que de certa forma coincide com o tecido ou até mesmo a palavra tegumento se ela tiver o mesmo sentido que separa o corpo biológico do mundo externo”.

partir do que ele chamou de esquema L temos acesso matemático a relação com o Outro do sujeito.



Nos diz Lacan

[...] Nesse discurso, como estaria o sujeito implicado, se dele não fosse parte integrante? Ele o é, com efeito, enquanto repuxado para os quatro cantos do esquema, ou seja, S, sua infável e estúpida existência, *a*, seus objetos, *a'*, seu eu, isto é, o que se reflete de sua forma em seus objetos, e A, lugar de onde lhe pode ser formulada a questão de sua existência. (p. 555)

Talvez seja esse um ponto nodal da subversão Lacaniana, se o inconsciente é discurso do Outro e o próprio sujeito é efeito desse discurso, estão também às estruturas clínicas “submetidas” a essa ordem. Isso quer dizer que na leitura lacaniana todos os conceitos estão atrelados a um campo relacional que os “organiza” (Lacan, 1955-1956). Tal afirmação talvez nos seja aclarada no decorrer deste escrito onde abordaremos o que Lacan nos oferece como fórmula do fantasma ($\$ \diamond a$) e que nos permite avançar na problemática referente a (des) moralização do conceito perversão.

Pontuações sobre o estruturalismo na teoria lacaniana: Breve esboço sobre a teoria do significante e a noção de *objeto a* no fantasma

Se Lacan debruça-se no paradigma estruturalista na tentativa de dar conta das questões do inconsciente é por uma razão muito peculiar. O inconsciente tem papel fundamental na teoria do estruturalista Claude Lévi Strauss, influência máxima na construção da teoria lacaniana como assinala os “Escritos” (1966), *“Como nós mesmos fazemos do termo estrutura um emprego que cremos poder pautar no de Claude Lévi-Strauss, é para nós uma razão pessoal, cabe dizê-lo aqui, não tomar esse emprego como genericamente confuso”* (p.654).

François Dosse (2007) nos diz:

Lacan inspirou-se amplamente na antropologia estrutural em sua releitura de Freud, e recorre explicitamente à obra de Lévi Strauss: “Nós mesmos damos

ao termo estrutura um emprego para o qual acreditamos estar autorizados pela definição que dele nos dá Claude Lévi Strauss”. A obra de Lévi-Strauss, o estruturalismo antropológico, constitui a pedra angular da ruptura lacaniana do pós-guerra. A convergência é tal que Lacan não cessa de referir-se a Lévi-Strauss (ver *Écrits*, 1966), de tomá-lo como garantia científica para sua renovada abordagem do inconsciente. (p. 163)

Ao afirmar que o inconsciente é estruturado pela linguagem, Lacan está dizendo que são as leis da linguagem que regem seu funcionamento. *“Portanto, é a própria estrutura da linguagem que confere seu status ao inconsciente em Lacan, e permite assim objetivá-lo, tornar acessível seu modo de funcionamento”* (DOSSE, 2007).

Em “O mito individual do neurótico” Lacan nos ensina que a constituição da estrutura neurótica obsessiva no “Homem dos ratos” surge como “produto” da articulação entre os elementos da história pessoal do sujeito e da sua constelação familiar primordial. Ou seja, um elemento da história do homem dos ratos, só passa a fazer sentido no desencadeamento de sua neurose, a partir do momento que se liga a outros em uma cadeia, que em Psicanálise chamamos de cadeia significante (LACAN, 2008).

A relação do sujeito com o Outro passa indiscutivelmente pelo que Lacan chama de cadeia significante, essencialmente pela relação desses elementos com a linguagem tal qual o seminário “V” nos esclarece. Nas páginas 193 e 194 do seminário XI Lacan argumenta

Se o sujeito é o que lhes ensino, a saber, o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante. Ora, o que é um significante? Eu o matraqueio há muito tempo para vocês, para não ter que articulá-lo aqui de novo, um significante é o que representa um sujeito, para quem? – não para um outro sujeito, mas para um outro significante.

Esse é um dos pontos chaves da compreensão do que acima elencamos como sujeito lacaniano, a relação com os significantes presentes no discurso. O sujeito aparece na medida em que existe uma cadeia significante que desliza, mas que, no entanto, não cessa e não oferece uma definição precisa daquele que para a Psicanálise é falta-a-ser, é uma lacuna, e aqui nos é conveniente um dito de Lacan que se encontra no seminário de número XI “[...] *O sujeito é um aparelho. Esse aparelho é algo de lacunar, e é na lacuna que o sujeito instaura a função de um certo objeto, enquanto objeto perdido. É o estatuto do objeto a enquanto presente na pulsão*”.(p.181).

Chegamos em outro ponto que é muito caro à Psicanálise e aos “psicanalistas”, o conceito do *objeto a*, um dos temas mais complexos e fundamentais, especialmente, quando se propõe uma compreensão das estruturas clínicas. Não daremos uma definição precisa do que é esse objeto, tendo em vista que esse não é o nosso objetivo, além disso, teríamos de dedicar um escrito inteiro a um tema de tamanha complexidade e inesgotáveis especulações. Reduziremos-nos a função do *objeto a* na fórmula do fantasma que será discutida no próximo tópico.

Sobre o *objeto a* em relação ao desejo que implica nas relações estruturais do fantasma Lacan propõe

Vocês veem então várias possibilidades da função do objeto a, que jamais se encontrará em posição de visado pelo desejo. Ele é, ou pré-subjetivo ou fundamento de uma identificação do sujeito, ou fundamento de uma identificação denegada pelo sujeito. [...] Mas o objeto do desejo, no sentido comum, é, ou uma fantasia que é na realidade a sustentação do desejo, ou um logro. (p. 182).

Aqui a definição que nos interessa, o *objeto a* enquanto elemento chave de um fantasma fundamental que em articulação com outros elementos sustenta o desejo seja ele, neurótico ou perverso.

Fantasia e Fantasma: Mesmo conceito? Implicações do referente matema ao conceito de perversão

Em Freud, o termo fantasia é sinônimo de realidade psíquica e em contraste com a realidade material, aparece como ponto fundamental à etiologia das neuroses depois que ele abandona a teoria da sedução traumática em 1897 (FOCHESATTO, 2011). Para Waleska Foschesatto “na concepção freudiana, a fantasia é um recurso utilizado na satisfação parcial de um desejo inconsciente cuja satisfação foi frustrada.” (p.02).

Situados em Freud, podemos recorrer a Lacan, objeto principal deste estudo, e tentar compreender o que é a fantasia, e principalmente qual a sua relação com o fantasma. Embora sejam muito usados enquanto sinônimos, no livro “El grafo del deseo” Eidelsztein deixa claro que não são a mesma coisa. Segundo ele, todos partimos, querendo ou não, de uma concepção imaginária do fantasma e isso é o que permite fazer confusão entre este e a fantasia. Com aporte em Lacan, o autor completa que esta concepção imaginária do fantasma (a fantasia) não implica dizer que aquele não esteja também determinado por funções próprias dos campos simbólico e real, dessa forma

nos oferece a fórmula ($\$$ /punção de a) apontando que a mesma nos indica justamente a “*inter-relação entre o simbólico e o real determinando a configuração imaginária*” (EIDELSZTEIN, 2011, P. 146).

Prossigamos com a distinção em Eidelsztein

La diferencia entre fantasia y fantasma, radica em que aquélla, anundándose y entornando al fantasma, debe ser distinguida de él porque no remite a la estructura. La fantasia es correlativa de la realidad, siendo que ésta consiste en el montaje de lo simbólico y lo imaginário; el deseo siendo lo real, es la esencia de la realidad y recibe su sostén, su soporte del fantasma. (p.146).⁵

Lacan nos traz alguns apontamentos sobre como se articula a relação sujeito-fantasma no seminário 11, lição de número XIV, ao discorrer sobre as questões que atravessam o conceito de pulsão parcial. Vejamos o que ele nos aponta

No fantasma, frequentemente o sujeito é despercebido, mas ele está sempre lá, quer seja no sonho, no devaneio, em não importa quais as formas mais ou menos desenvolvidas. O sujeito se situa a si mesmo determinado pelo fantasma. (p.181).

A partir das palavras de Lacan entendemos que no fantasma há uma parte que não se revela para o sujeito, que é inconsciente, “*el fantasma es un axioma; y para poder decir que es inconsciente, decimos que es un axioma que conlleva una función de desconocimiento para el próprio sujeito*” (p.146).⁶ Argumenta Eidelsztein, ao comentar a afirmação lacaniana de que o fantasma é um axioma que engloba uma combinação de elementos simbólicos e não uma montagem de imagens, conservando um estatuto de “não totalmente sabido”. (EIDELSZTEIN, 2005).

Prossigamos ainda com a lição XIV de Lacan

O fantasma é a sustentação do desejo, não é o objeto que é a sustentação do desejo. O sujeito se sustenta como desejante em relação a um conjunto significante cada vez mais complexo. Isto se vê bem na forma de enredo que esse conjunto toma, onde o sujeito, mais ou menos reconhecível, está em algum lugar, esquizado, dividido, habitualmente duplo, em sua relação a esse

⁵ “A diferença entre fantasia e fantasma, consiste em que, aquela unindo-se ao fantasma deve ser diferenciada dele porque não remete a estrutura. A fantasia é correlativa da realidade, sendo que esta consiste na montagem do simbólico e do imaginário; o desejo sendo o real, é a essência da realidade e obtém sua proteção, apoio do fantasma”.

⁶ “O fantasma é um axioma. E para poder falar que é inconsciente falamos que é um axioma que **implica** numa função de desconhecimento para o próprio sujeito”.

objeto que o mais frequentemente não mostra mais seu verdadeiro rosto. (p.181).

É a partir dessa afirmação que Lacan abre espaço para introduzir a estrutura da perversão, trazendo-a como o inverso do fantasma onde ele diz que “*é o sujeito que se determina a si mesmo como objeto, em seu encontro com a divisão da subjetividade.*” (p.181). No tópico que se segue podemos ver mais claramente o quais as implicações dessa inversão a nível estrutural.

Neurose e Perversão em Psicanálise: Uma breve distinção a partir de Lacan

Vimos que o ensino de Lacan nos permitiu pensar a Psicanálise, bem como, seus conceitos a partir de um campo relacional. Isso quer dizer que, não faz sentido pensar o inconsciente e as próprias estruturas referentes a seu discurso sem que haja uma relação com o mundo e com os objetos. Questão essa muito clara na leitura de Eidelsztein.

Se Lacan aborda os conceitos em Psicanálise a partir da relação com o que ele designa como outros (a') e Outros (A), as estruturas clínicas não subvertem essa lógica. É evidente que não estamos aqui falando de relações a nível individual, já que, ao introduzir a linguagem como ponto central do inconsciente, Lacan deixa claro que não se analisa indivíduos.

Partindo do pressuposto lacaniano que o inconsciente é discurso do Outro, desembocamos na ideia de que seu funcionamento é efeito de linguagem regido pelo significante, como podemos perceber ao longo do seminário de número 5, “As formações do inconsciente”.

No seminário supracitado Lacan traz o que denominou *Nome-do-pai* como significante fundamental para pensarmos a estruturação da neurose. Tal significante seria a encarnação da lei no plano simbólico. Nos diz Lacan

[...] Aqui chamamos de *lei* aquilo que se articula propriamente no nível do significante, ou seja, o texto da lei. Não é a mesma coisa dizer que uma pessoa deve estar presente para sustentar a autenticidade da fala e dizer que há alguma coisa que autoriza o texto da lei. Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-pai, isto é, pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá acesso à lei que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro. (p. 152).

Em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” ele retoma a questão do *Nome-do-pai* ao esboçar as distinções existentes entre as estruturas neurose e psicose tomando como base o que ele chamou de esquema R. Tal esquema nos revela a forma como o campo da realidade organiza-se na neurose a partir da articulação da metáfora paterna com o que designa como falo, que de maneira alguma reduz-se ao genital masculino. Sobre o falo nos diz nos Escritos

[...] Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante. (p.697)

Não há dúvidas de que a nível de significantes a estruturação do campo da realidade permanece intrinsecamente ligada a articulação entre o falo e o *Nome-do-pai* e que essa articulação permite pensar o lugar do desejo e do próprio objeto *a* no fantasma perverso e no neurótico. No entanto, devemos ressaltar que embora desempenhe papel essencial em ambas as estruturas, seu funcionamento desenrola-se de maneira distinta, e isso quem nos diz é Lacan no seminário 10 “A Angústia” ao nos apresentar o matema da fantasia no perverso (perversão) e no neurótico (neurose).

$$\begin{array}{cc} A & A \\ a | \not{S} & S | a \not{S} \end{array}$$

A fantasia no perverso A fantasia no neurótico

(p. 59-60)

Certamente não é sem propósito que ao nos apresentar a “fantasia” no perverso Lacan traga a fórmula da “fantasia” no neurótico de forma invertida. Devemos supor que algo acontece a nível do objeto que permite pensarmos outra articulação desses elementos em A na perversão.

Eidelsztein em “El grafo del deseo” afirma que quando Lacan traz o fantasma perverso enquanto uma inversão no sentido da fórmula equivale a Freud quando apontou as perversões como negativo da neurose, apontando também a relação do “perverso” com o objeto

La relación de inversión es lo que em Freud fue teorizado como ‘las perversiones como negativo de las neurosis’. Es el sujeto quien se determina él mismo como objeto, em su encuentro con la división de la subjetividad que (em vez de ser el sujeto quien se localiza em la división de la subjetividad y que se sostiene respecto de um objeto que desea como em la neurosis), el perverso localiza em el outro, el partenaire. El perverso se localizará como objeto frente a división el outro. (p.147).⁷

Isso que dizer que pela ótica lacaniana a perversão não é uma condição anormal do sujeito, porém uma inversão dos elementos estruturais dentro de um campo relacional mediado por processos tranferenciais. Eidelsztein ressalva ainda que o matema da perversão não deve ser compreendido como o contrário literal da fórmula “original”:



Para Eidelsztein a inversão não é:

$(a \diamond S)$

E diz:

Esto se vê muy claramente em la posición del sádico: el brazo del sádico (em continuidad com el látigo) funciona como el objeto (a), instrumento del goce, y el desvanecimiento de la víctima es uma forma de imaginarizar, de escenificar, la división subjetiva (S). Entonces el sádico se localiza em la escena como objeto: su cuerpo em continuidad com ele instrumento, frente al desvanecimiento del partenaire, que no es accesorio sino que cumple uma función: es donde el perverso, localizándose como objeto, enfrenta uma forma de imaginar la división como contingente, por ejemplo como desmayo. (p. 148).⁸

⁷ “A relação de inversão é o que em Freud foi teorizado como ‘as perversões são o negativo das neuroses’. É o próprio sujeito que se determina como objeto, no seu encontro com a divisão da subjetividade (ao invés de ser o sujeito que se localiza na divisão da subjetividade e que se sustenta em relação a um objeto que deseja como na neurose), o perverso localiza no outro o parceiro. O perverso se localizará como objeto frente a divisão do outro”.

A palavra **Sostiene** pode ter vários significados na língua portuguesa como: **manter; sustentar e; prestar apoio**. Optamos por sustentar para manter o sentido aproximado do original.

⁸ “Isso se ver claramente na posição do sádico: o braço do sádico (em união com o chicote) funciona como o objeto (a), instrumento do gozo e o desvanecimento da vítima é uma forma de imaginarizar, de colocar em cena a divisão subjetiva (S barrado). Assim o sádico localiza-se na cena enquanto objeto: seu corpo em continuidade com o instrumento frente ao desvanecimento do parceiro, que não é acessório,

Ainda sobre o matema da perversão aponta Lacan

No perverso, as coisas estão no lugar, se assim posso dizer. O *a* está onde o sujeito não pode vê-lo, e o *S* barrado está em seu lugar. Daí podemos dizer que o sujeito perverso, ao mesmo tempo em que permanece inconsciente da maneira como isso funciona, oferece-se lealmente, ele sim, ao gozo do outro. (p. 59-60)

Quanto ao funcionamento da “fantasia” neurótica no mesmo seminário propõe “[...] *Essa fantasia de que o neurótico se serve, que ele organiza no momento em que se serve dela, o impressionante é que ela é justamente o que melhor lhe serve para se defender da angústia, para encobri-la.*” (p. 60) Aqui, Lacan deixa claro que a fantasia serve na neurose como véu que encobre a angústia, e continua

Esse objeto *a* que o neurótico se leva a ser em sua fantasia cai-lhe quase tão mal quanto polainas num coelho. É por isso que o neurótico nunca faz grande coisa de sua fantasia. Esta consegue defendê-lo da angústia justamente na medida em que é um *a* postiço. (p. 60-61)

Podemos dizer que amiúde em Psicanálise existe certa dificuldade em oferecer uma definição “precisa” ao conceito de perversão. Isso se confirma na própria dificuldade de encontrar bibliografias que venham dar conta da estrutura. Assim, existem poucas e as que existem tratam o conceito por uma vertente um tanto moralizante como vimos com Julien (2003). É comum as estruturas serem definidas da seguinte forma: Neurose – recalque; Psicose – Forclusão e, Perversão – Denegação deixando margem para compreensões vagas e generalizadas.

Considerações finais

O propósito desta pesquisa não se deu em torno da definição do conceito de perversão, no entanto de refletir sobre a forma como tal estrutura é colocada pelos “psicanalistas” de hoje. No decorrer das leituras nos foi possível identificar muitos pontos cruciais que contribuíram e contribuem ao longo de toda a história para a

porém cumpre uma função: é onde o perverso localizando-se como objeto, encontra uma forma de imaginarizar a divisão como contingente, tomando, por exemplo, o desmaio”.
A palavra **Látigo** pode ser traduzida como chicote.

moralização do conceito proposto, bem como, para os equívocos de compreensão do referido tema.

A origem do termo perversão atrelada a perversidade apareceu como um ponto bastante relevante, principalmente se levarmos em consideração que todas as subcategorias da perversão, sadismo, masoquismo, exibicionismo e voyerismo (que não citamos neste escrito) são reduzidas á um único rótulo: “*os perversos são os transgressores da lei, que cometem atos de perversidade.*” Existem indivíduos perversos? Tal questionamento nos aponta para outra questão de suma importância discutida aqui, o que é um indivíduo e o que é um sujeito, e até mesmo o que é a Psicanálise e a que ela se propõe. Isso não é uma crítica a Psicanálise enquanto o que Lacan denominou como *Práxis*, mas a forma como esta é praticada por muitos. Ficou claro aqui a partir de citações do próprio Lacan que em Psicanálise as coisas não acontecem a nível individual, há sempre um campo relacional fundamental aos conceitos que foram tão caros a Freud e a Lacan.

A partir de tais pontos podemos afirmar categoricamente que indivíduos perversos não existem. Quanto a esse diagnóstico podemos inseri-lo no que em Psicanálise denomina-se diferencial? Cremos que não, um diagnóstico diferencial serve de antemão para direcionar intervenções e não para rotular, coisa que acontece de maneira muito visível na perversão. Outra questão que podemos fazer é: Será que estamos bem articulados no que propôs Lacan ao retornar a Freud? Essa é uma questão que ficará em aberto, tendo em vista que propõe uma reflexão sobre a prática em Psicanálise, bem como, o próprio uso que fazemos da teoria.

Talvez ou com certeza muitos desses equívocos se devam aos processos de tradução. Em muitos casos não existem palavras equivalentes nas traduções e os tradutores se utilizam de palavras semelhantes. Na prática isso traz muitos problemas e vimos em loco com os conceitos de fantasia e fantasma. Talvez devêssemos todos os que se propõem a fazer uso da Psicanálise falar Francês e recorrer ao original, ou simplesmente ter cuidado com a leitura, estarmos atentos, usar dicionário para evitar que a Psicanálise se torne mais uma no meio de tantas que rotulam as “pessoas”.

Referências

ANDRÉ, Serge. A impostura perversa. Tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica, Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

DOR, Joel. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro. Livrarias Taurus-Timbre Editores, 1991.

DOSSE, François. História do estruturalismo. Volume I: O campo do signo. Tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica de Márcia Mansor D' Alessio – Bauru, SP: Edusc, 2007.

EIDELSZTEIN, Alfredo. El grafo del deseo. 2ª Ed – Buenos Aires: Letra viva, 2005.

EIDELSZTEIN, Alfredo. Las Estructuras Clínicas a partir de Lacan. II. Neurosis, histeria, obsesión, fobia, fetichismo y perversiones. Volume II, 2ª Ed – Buenos Aires: Letra viva, 2011.

FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. Algumas considerações sobre o conceito de fantasia em Freud e Melanie Klein. Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: < <http://www.cbp.org.br/cprs/conceitodefantasia.pdf>> Acesso em: 25 Jan. 2015.

FREUD, Sigmund. (1912). A dinâmica da transferência . In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XII, 1980.

FREUD, Sigmund. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Vol. VII Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. A travessia da fantasia na neurose e na perversão. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: < <http://www.cbp.org.br/rev2929.htm>>. Acesso em: 25 Jan. 2015.

JULIEN, Philippe. Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

LACAN, Jacques (1955-1956) O Seminário, Livro 3: As Psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques (1957-58) O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques (1962-63) O Seminário, Livro 10: A angústia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor,

LACAN, Jacques (1964) O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques (1963) O Seminário Os Nomes do Pai.

LACAN, Jacques (1958 b) A significação do falo. In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

LAENDER, Nadja Ribeiro & FONSECA, Maria Carolina Bellico & VERGARA, Eliana Monteiro de Moura & BICALHO, Clovis Figueiredo Sette & PIRES, Angela Lucena de Souza & PIRES, Andréa Lucena de Souza. (s/d). Perversão - Estrutura ou montagem?. In: Círculo Brasileiro de Psicanálise (CPMG). Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/artigo17.htm>> Acesso em: 25 Jan. 2015.

MENESES, Hélem soares de & FERREIRA, Breno de Oliveira. Perversão a luz da Psicanálise. Disponível em: <<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/perversao-a-luz-da-psicanalise>> Acesso em 10 Jan. 2015.

MILLER, Jacques Alain. (1988). Transferência de Freud a Lacan. In:_____ Percurso de Lacan. Uma Introdução. Jorge Zahar Editora. Campo Freudiano no Brasil.

MIRANDA, Alex Sobreira de. (2013). Um estudo sobre o conceito de perversão. Disponível em: < <https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/um-estudo-sobre-o-conceito-de-perversao>> Acesso em: 25 Jan. 2015.

MURIBECA, Mercês. As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam. Estud. psicanal. n.32 Belo Horizonte nov. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372009000100014&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 Jan. 2015.

PORTO, Editora. Infopédia dicionários. Disponível em: <<http://www.portoeditora.pt/espacolinguaportuguesa/dol/dicionarios-online/>> Acesso em: 27 Jan. 2015.

PORTO, Editora. Infopédia dicionários. Conceito de estruturalismo. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aa/estruturalismo>> Acesso em: 12 Fev. 2015.

VALAS, Patrick. Freud e a Perversão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

¹ Traduções: Inglês – Gileno Freire – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Espanhol – Rickison Cristiano - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)